



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**19, 20 e 21 de setembro de 2015**

**Diário Catarinense**  
**Cacau Menezes**  
"O começo"

O começo / Maricultura / Santa Catarina / Ernesto Tremel / Esperidião Amin  
/ Barra da Lagoa / UFSC / Galícia / Manuel Fraga



**Notícias do Dia**  
**Ana Lavratti**  
"Enfim, engenheira"

Enfim, engenheira / Curso de Engenharia de Produção Elétrica / Diana Dias  
/ UFSC



## **Notícias do Dia**

**Ana Lavratti**

“Carro? Só na garagem”

Carro? Só na garagem / UFSC / Vida no Trânsito / Ritmos das Cidades / Dia Mundial Sem Carros / Mário Carlos Campanella / Universidade TUDelf / Holanda

### **Carro? Só na garagem**

A UFSC, as redes Vida no Trânsito e Ritmos das Cidades prepararam uma superagenda para marcar o Dia Mundial Sem Carros, na próxima terça-feira, dia 22. A programação inclui palestras, oficinas, lançamentos, passeio ciclístico, corrida e desafios de skate, além de uma Maratona Intermodal, com premiação para quem trocar o carro por ônibus, bike e um terceiro meio de livre escolha. O encerramento será com o engenheiro Mário Carlos Campanella, da universidade TUDelf da Holanda e um dos maiores especialistas no mundo em circulação de pedestres.

## Diário Catarinense - Sua Vida

“Iniciativa de alunos da UFSC une gentileza com uma xícara de café”

Iniciativa de alunos da UFSC une gentileza com uma xícara de café / Comportamento / Bom exemplo / Curso de Engenharia de Produção Elétrica / Europa / Buenos Aires / Projeto Café Pendente / Deyvid Souza / Gabriel Eduardo dos Santos / Florianópolis / Ética e Exercício Profissional / Miriam Eugênia Ramalho / Pão e Sonhos / Petit Café / Ponto do Pão / Bendito Fruto / Aroma Café / Padaria e Confeitaria da Família / Universidade Federal de Santa Catarina / Café Dourado / Madame Deveria Caffè / Conceição Concept

COMPORTAMENTO | BOM EXEMPLO

# Iniciativa de alunos da UFSC une gentileza com uma xícara de café

**PROJETO NASCIDO NO** curso de Engenharia de Produção Elétrica e inspirado em ações similares da Europa e de Buenos Aires propõe às pessoas deixarem paga uma bebida para um desconhecido



No sistema criado por Deyvid (E) e Gabriel, pode-se consumir café ou lanche já pago ou pagar para outra pessoa

**ERICH CASAGRANDE**  
erich.casagrande@diario.com.br  
Florianópolis

pele jeito deu certo - conta Souza.

### TABELAS REGISTRAM CONSUMO E DOAÇÕES

Quel tomar um café oferecido por um desconhecido? E melhor, retribuir o favor sem mesmo saber quem receberá? Incentivar a gentileza pela própria gentileza é a ideia do projeto Café Pendente, criado pelos alunos de Engenharia de Produção Elétrica da UFSC Deyvid Souza e Gabriel Eduardo dos Santos e presente em 15 cafés em Florianópolis.

– Nosso objetivo é incentivar uma corrente de gentilezas que se torne viva por conta própria. Agora a gente está dando um empurrão inicial. A gente se contagia e espera que esse favor seja replicado - acredita dos Santos.

A ideia de Souza e Santos é simples e surgiu há dois anos, para uma tarefa de aula, quando souberam que essa ação era praticada em alguns lugares da Europa e em Buenos Aires.

– Na hora de sugerir o projeto que tivesse alguma ação social lembrei dessa ideia e decidimos fazer juntos. Muita gente achou que não daria certo. A gente ouvia: 'Por que pagar um café para alguém que não conheço'. Mas

Você vai a algum estabelecimento que tenha aderido ao projeto e pode receber um café ou lanche que já foi pago por alguém antes. E também pode deixar o mesmo favor pago para outra pessoa. Tudo fica anotado em tabelas que marcam quantos cafés estão disponíveis.

– Cada estabelecimento tem sua própria tabela e controle. Mas seria incrível ter algo automatizado que pudesse integrar mais, como um banco compartilhado de gentilezas - imagina Souza.

O projeto e a execução são tema do trabalho final da disciplina de Ética e Exercício Profissional, da professora Miriam Eugênia Ramalho. No início, a intenção era ajudar moradores de rua, mas os estudantes perceberam que a gentileza poderia servir a qualquer pessoa.

– Para atender o objetivo da disciplina estávamos felizes se um ou outro café fosse consumido nesse sistema. Mas o projeto teve ótima adesão e foram mais de 100 em dois meses, o que deve ter aumentado neste mês - comemora Santos.

### QUEM PARTICIPA DO PROJETO

Ao menos 15 estabelecimentos aderiram à iniciativa em Florianópolis

#### PÃO E SONHOS

Rua Fúlvio Aduci, 989, Estreito  
Telefone (48) 3028-7501

#### PETTÍ CAFÉ

Rua Esteves Júnior, 280, Centro  
Telefone (48) 3207-6400

#### PONTO DO PÃO

Rua Prefeito Osmar Cunha, 310, Centro  
(48) 3025-5255

#### BENDITO FRUTO

Rua Jerônimo Coelho, 389, Centro

#### AROMA CAFÉ

Calçada João Pinto, 14, Centro  
(48) 3024-2238

#### PADARIA E CONFEITARIA DA FAMÍLIA

Rua Cap. Romualdo de Barros, 782,

Carvoeira  
(48) 3234-2208

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

São seis cafés: Cia Café; Primos; Setubal; Assim Assado; Cacao Café; Alecrim  
Rua Eng. Agrônomo Andréi Cristian Ferreira, s/n, Trindade

#### CAFÉ DOURADO

Rua Cônego Bernardo, 101, Trindade  
(48) 3232-3749

#### MADAME DEVERIA CAFFÈ

Avenida Afonso Delambert Neto, 740, Lagoa da Conceição  
(48) 3232-8877

#### CONCEIÇÃO CONCEPT

Rua Manoel Severino de Oliveira, 637, Lagoa da Conceição  
(48) 3364-0205

## Notícias do Dia - Ana Lavratti

"A crise na vida de cada um"

A crise na vida de cada um / Economia / Crise / PIB / Produto Interno Bruto / Congresso Nacional / China / André Portela Santos / Departamento de Economia e Relações Internacionais / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / José Álvaro Cardoso / Dieese-SC / Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos / São José / Elio José Ferronato / André Portela Santos / Previdência Social / Inflação / Desemprego / Colégio Visão / Fernando Rocha / Janete de Almeida / Petrobras / Operação Lava Jato

# A crise na vida de cada um

No bolso. Economia passa por turbulências, mas cenário afeta as pessoas de maneira distinta

PAULO CLÓVIS SCHMITZ  
pc@noticiasdodia.com.br  
@ND\_Online

Há um consenso: a crise existe e não será dobrada tão cedo. O que varia é como cada um lida com ela, a que causas ela é atribuída e em que medida as turbulências políticas são ou não um combustível para que a instabilidade se alaste, espalhando uma onda de pessimismo que torna a volta por cima ainda mais penosa e demorada. A tendência de crescimento negativo do PIB (Produto Interno Bruto) na faixa dos 2% este ano dá uma ideia do delicado quadro da economia brasileira.

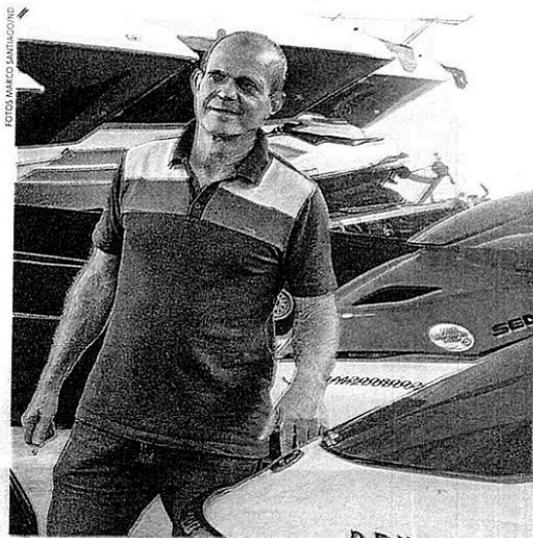
Para quem sente a escalada dos preços, a ameaça do desemprego e a perda do poder de compra dos salários, o cenário é preocupante. Para quem analisa o ambiente como especialista, a crise atual pode ter similaridades com outras – portanto, não é de todo intransponível. E há ainda quem veja no ar um esforço para pintar o quadro pior do que é, por interesses que só a política pode explicar.

Uma passada diária dos jornais pode desanimar o mais frio dos leitores, porque há cortes de vagas na maioria dos setores, os preços sobem nas prateleiras e os ajustes que o governo tenta fazer não encontram respaldo no Congresso Nacional e na sociedade. A

crise mundial, puxada pela China, é um componente relevante, mas há também a certeza de que o governo perdeu, nos momentos de maior bonança, a oportunidade de fazer os ajustes que evitariam o retrocesso em curso.

Os números de 2015 dão razão a quem sustenta a tese da crise como um mal já instalado. A produção industrial caiu mais de 7%, a folha de pagamento teve queda real de 9,7% de janeiro a maio, o índice de confiança do empresariado há muito não chega aos 40 pontos. E o número de pessoas desocupadas aumentou em 1,6 milhão entre dezembro de 2014 e o fim do primeiro semestre deste ano.

"Os empresários ficam na incerteza e relutam em investir, as famílias reduzem o consumo, e o quadro político não vem sendo equacionado, pela falta de diálogo entre governo e Congresso", resume o professor André Portela Santos, do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Outro economista, José Álvaro Cardoso, do Dieese/SC (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), lamenta que a crise esteja destruindo as conquistas que levaram milhões de pessoas ao consumo, à ocupação e a ganhos reais de salário.



### Classe A

Com uma empresa náutica em São José, Elio José Ferronato, 62, já sentiu a crise afetar seu setor. "Nesse inverno os produtos importados, como o jet ski, subiram de preço e tivemos uma queda de vendas de 30%. Quem tem dinheiro continua comprando, mas para os outros, os bancos estão mais reticentes para aprovar financiamentos. No caso dos barcos, não houve redução, já que são de fabricação nacional e as próprias fábricas têm reduzido os preços", explica. Com o mercado em alerta, foi preciso cortar despesas e cancelar investimentos. A consequência chega também em casa. "Não prevejo reformas e cortei nas viagens. Não adianta poupar na empresa e não levar para o dia a dia", diz ele.

### País perdeu a chance de fazer ajustes

O economista e professor André Portela Santos entende que o quadro atual tem elementos parecidos com os provocados pela crise russa de 1998, quando uma moratória unilateral gerou instabilidade em diferentes partes do mundo. No entanto, o governo brasileiro perdeu a oportunidade de fazer os ajustes e as correções de rumo em 2010, quando adotou medidas para combater os efeitos da crise que se abateu sobre a Europa e Estados Unidos dois anos antes. Depois disso, não soube reagir aos primeiros indícios de queda na arrecadação e expandiu ainda mais os gastos públicos, apelou para as "pedaladas fiscais", aprofundou o déficit da Previdência Social e se vê na contingência de enfrentar um Congresso refratário a respaldar as medidas

de ajuste propostas nas últimas semanas.

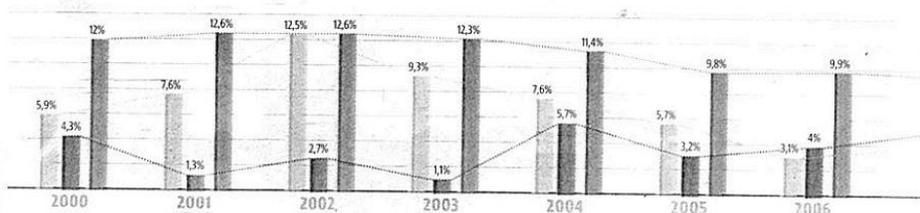
Com a inflação ameaçando bater a faixa dos 10% ao ano, há uma redução dos salários reais, o que diminui o poder de compra da população. A tendência é haver uma queda nos rendimentos, porque a margem para a negociação de reajustes é menor, agravada pelo risco do desemprego. "Vislumbrar uma saída a curto prazo é difícil, porque o emprego, por exemplo, é uma variável inercial muito forte, ou seja, costuma demorar a reagir aos efeitos das políticas macroeconômicas", diz o professor da UFSC.

Para ele, "a expectativa é de que o desemprego continue a aumentar nos próximos meses antes que possa se estabilizar e voltar a uma trajetória de queda".

### Dança dos números

Compare os principais índices que medem o comportamento da economia brasileira do início da década passada até hoje. Note que enquanto a inflação sobe, o PIB tem queda acentuada a partir de 2014.

Índices econômicos brasileiros (em %):  
■ Inflação (IPCA) anual  
■ Evolução do PIB  
■ Taxa de desemprego





### Classe B

Não comer fora, não viajar e procurar programas mais caseiros são algumas das atitudes tomadas por quem não quer criar dívidas e passar a crise sem grandes sobressaltos. Para o coordenador do Colégio Visão, Fernando Rocha, independente do governo que assumiu, a crise é cíclica e tem reflexos em todos os países. E é fato que ela já atinge todas as classes sociais. "Afeta no dia a dia. Eu compro só o necessário, não deixo de adquirir os produtos no supermercado, mas corto nas extravagâncias. O restaurante e a pizza ficam de fora, assim como assistir ao jogo no estádio; opto por ver em casa", conta ele.



### Classe C

Com o orçamento familiar apertado, os brasileiros têm usado a criatividade para cumprir os compromissos financeiros. Muita gente ainda dá conta do recado, mas os chamados supérfluos acabam sendo tirados da lista. Para a supervisora pedagógica Janete de Almeida, os cortes já começam nos alimentos – comprando em locais mais baratos – e também na diminuição do uso do carro. "Estou andando mais de ônibus, porque assim economizo na gasolina e no estacionamento. Além disso, não estou fazendo contas novas porque não sabemos o que vem pela frente", afirma. Evitar o uso do cartão de crédito também é uma das atitudes já tomadas pela supervisora pedagógica.



*Superar a crise vai depender do desenrolar da crise política. Os agentes econômicos têm hoje poucas projeções sobre o cenário futuro. A mudança passa por melhores perspectivas econômicas do ponto de vista da previsibilidade.*



André Portela Santos, economista e professor da UFSC

### Economista destaca a força do componente político

Para José Álvaro Cardoso, do Dieese/SC, a par da crise externa, puxada pelo recuo da economia chinesa, a polarização política interna contamina o ambiente a ponto de levar os empresários a aplicarem em papéis especulativos em vez de investirem na produção. Ele admite que houve erros do governo, que "propôs um ajuste com características que fracassaram em outros lugares, quando deveria apostar no crescimento do mercado interno e praticar taxas de juros mais decentes". No entanto, atribui o clima de pessimismo, em grande medida, ao superdimensionamento

dos problemas por "gente que não é contra o governo, mas contra o país".

A leitura de Cardoso é semelhante à que fazem os economistas que veem motivações políticas no discurso dominante. "O caso da Petrobras ilustra bem isso", afirma. "O Lava Jato foi provocado por três ex-funcionários, e querem afundar a empresa, que é a melhor da América Latina, por causa disso. A Petrobras bateu um novo recorde de produção, com 3 milhões de barris/dia, está na retaguarda no mundo e vem sendo torpedeada por interesses

de petroleiras internacionais". O potencial do Pré-sal, acredita ele, também interfere no que considera uma campanha contra a empresa brasileira de petróleo.

Uma crítica relativa à crise diz respeito ao sistema financeiro, um dos poucos a ostentarem ganhos neste momento. "O setor bancário está descolado do restante da economia", ressalta Cardoso. Ele também combate à busca obsessiva pelo superávit primário, meta que não existe nas nações mais desenvolvidas. "Esta receita é prescrita para um país emergente e devedor como o nosso".

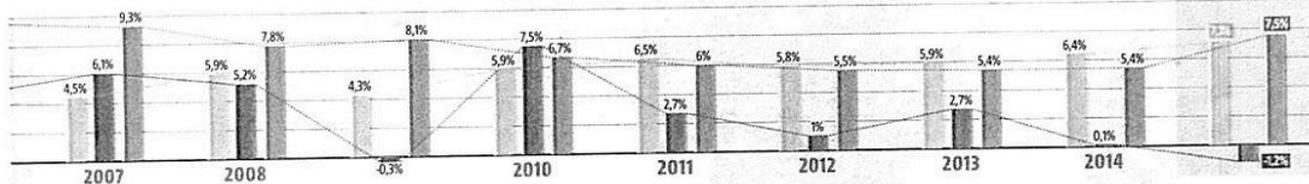


*Muitas coisas que são veiculadas têm objetivos políticos. Os parceiros comerciais do Brasil também estão em crise, mas não se fala disso. A gente não sabe de onde muitas análises e diagnósticos estranhos são tirados.*



José Álvaro Cardoso, economista do Dieese/SC

2015



## **Diário Catarinense**

**Moacir Pereira**

“Falta tudo”

Falta tudo / Hospital Universitário / UFSC / Ricardo Baratieri / Curso de Medicina / Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares / EBSEH

### **FALTA TUDO**

Hospital Universitário da UFSC vive a maior crise de sua história. Depoimento do médico Ricardo Baratieri acusa que “faltam equipamentos, leitos e até remédios”. E não há perspectiva. O colegiado do curso de Medicina se declarou favorável à adesão da UFSC à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, que resolveria os graves problemas. Mas os xiitas são contra. Onde a adesão já ocorreu, os hospitais funcionam muito bem.

## **Diário Catarinense**

**Moacir Pereira**

“Agrotóxicos não”

Agrotóxicos não / Sonia Hess / UFSC / Curitiba / Fórum Catarinense de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos e Transgênicos / ICMS / Saúde

### **AGROTÓXICOS NÃO**

Professora Sonia Hess, do campus da UFSC em Curitiba e do Fórum Catarinense de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos e Transgênicos, quer saber por que há desconto de 60% do ICMS incidente sobre os agrotóxicos. É o que dispõe convênio firmado este ano. Sustenta que o governo deveria cancelar o benefício, melhorar a receita e restringir o uso dos aditivos químicos para preservar a saúde da população.

**Notícias do Dia**  
**Ana Lavratti**  
"Concurso literário"

Concurso literário / Editora da UFSC / Cleber Teixeira / Editora Noa Noa /  
Concurso / Tradução de poesia



**Notícias do Dia**  
**Paulo de Tarso Guilhon**  
"UFSC / Protagonismo vencido"

UFSC / Protagonismo vencido / Ensino / Pesquisa / Extensão / Cláudio Amante / Rogério Bastos / Fundações universitárias



## Notícias do Dia Plural "Ingressos para o teatro"

Ingressos para o teatro / Dirce Waltrick do Amarante / A ida ao teatro / Karl Valentin / Cinema / Tori Haring-Smith / College of Liberal Arts / EUA / Televisão / Denis Guénoun / Santa Catarina / Udesc / Artes Cênicas / UFSC / Roberta Levitow / Crise teatral / Curso de Artes Cênicas



### Crise. Público do teatro diminui, enquanto cresce a procura por cursos e oficinas

Debate.  
No início do século passado, teatro já perdia público e enfrentava concorrência do cinema

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE\*

"Marido, na mesa, lê o jornal; mulher entra precipitadamente.

MULHER: Adivinha só, quando eu estava subindo as escadas, a nossa vizinha deu de cara comigo e me ofereceu uma coisa. Adivinha o que ela me ofereceu?

MARIDO: Deixe de ser criança. Diz logo.

MULHER: Toma, olha. Dois ingressos de teatro para o 'Fausto'. O que você me diz?

MARIDO: Muito obrigado, mas por que não vai ela mesma, essa velha rabugenta?

MULHER: Ah, na certa, ela não tem tempo.

MARIDO: Ah, é? Ela não tem tempo e nós temos de ter tempo?

MULHER: Não seja mal-agradecido.

MARIDO: Você sabe muito bem que essa mulher não gosta da gente; se gostasse, não teria oferecido os ingressos justamente para nós".

Assim começa "A ida ao teatro", um sketch escrito em 1934 pelo dramaturgo e ator alemão Karl Valentin. A crise do teatro não é mesmo recente. No início do século passado, o teatro perdia público e já enfrentava a concorrência do cinema, que despontava com força. O próprio Valentin participou, como roteirista e ator, de vários filmes e sabia da importância da nova mídia.

Recentemente, Tori Haring-Smith, direto-

ra do College of Liberal Arts (EUA), afirmou que é fácil culpar o crescimento do cinema e da televisão pela crise do teatro; contudo, "o problema não está nessas invenções nem nas capacidades extraordinárias delas, mas na tentativa do teatro de imitá-las", o que tornaria o teatro cada vez mais parecido com o cinema e, como no cinema, os seus espectadores não passariam de *voyeurs*. Haring-Smith acredita que, para sobreviver, o teatro deverá encontrar novamente as suas raízes, lembrando que nelas o público é participativo.

Enquanto isso, o teatro continua atravessando uma crise. Segundo Denis Guénoun, a rarefação do público teatral é evidente, mas, paradoxalmente, cresce o número de pessoas que frequentam cursos e oficinas de teatro e se multiplicam os grupos teatrais amadores e profissionais.

Se pensarmos em Santa Catarina, para citar um exemplo local, Guénoun parece ter razão. Em poucos anos, o Estado ganhou duas faculdades: uma de Teatro, na Udesc, e outra de Artes Cênicas, na UFSC. Alunos não faltam para esses cursos, mesmo sabendo que o público interessado em espetáculos teatrais é escasso.

A discussão da crise teatral, levando em conta o paradoxo apontado por Guénoun, parece oportuna por aqui; e a pergunta que fica é: Por que o interesse pelos cursos de teatro e artes cênicas? Os cursos serviriam apenas de ponte para os alunos chegarem ao cinema e à televisão? Caso os alunos pensem em permanecer no teatro, como fazer para aumentar o número de espectadores para os grupos teatrais que vão surgir desses cursos?

A diretora teatral norte-americana Roberta Levitow enumera algumas possíveis razões da crise teatral: as desconexões entre a forma teatral e as transformações dominantes da vida contemporânea; a desconexão entre os praticantes dessa forma artística e os gostos e interesses do público em geral; a ausência de uma vanguarda teatral; a tentativa de fazer da forma teatral apenas um produto de consumo etc.

O fato é que muitos espetáculos teatrais (incluo aqui também as performances) apresentados dentro e fora do Estado não convencem esteticamente, não provocam debate, não revelam nenhuma experiência significativa, não contagiam o público e acabam, portanto, por afastá-lo ainda mais do teatro. Não adianta culpar somente o Estado, como o fez ironicamente Valentin num *sketch* de 1925: "Por que todos estes teatros vazios? Simplesmente, porque o público não vem. Culpa de quem? Unicamente do Estado. Se cada um de nós se visse obrigado a ir ao teatro, as coisas mudariam completamente". Valeria a pena "obrigar" os espectadores a irem ao teatro?

Mas se o público de teatro não crescer, seus profissionais correrão para o cinema, para a televisão etc., para garantir sua segurança financeira, como lembra Levitow, que conclui: enquanto o teatro estiver em crise, os seus profissionais não passarão de mendigos que suplicam por dinheiro, por público, por atenção e por respeito.

\*Professora do curso de artes cênicas da UFSC.

**Diário Catarinense**  
**Visor**  
"Questão de visão"

Questão de visão / Florianópolis / Consultas oftalmológicas / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Hospital Universitário / Sociedade Catarinense de Oftalmologia



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

## **CLIPPING DIGITAL**

Notícias dia 19/09/2015

[Tiroteio nos arredores da UFSC deixa dois feridos em Florianópolis](#)

[UFSC recebe segundo Congresso de Direito Ambiental](#)

Notícias dia 20/09/2015

**[Sem medo de fazer gênero: entrevista com a filósofa americana  
Judith Butler](#)**

Notícias dia 21/09/2015

**[Lei que garante arquitetura acessível à baixa renda é debatida em  
SC](#)**

**[Lei que garante arquitetura acessível à baixa renda é debatida em  
SC](#)**